DECOMPOR, SEQUENCIAR, ADEQUAR: O ESTUDO MUSICAL COMO UM PROJETO

Laís Fernandes dos Santos
PMU-UEM - Grupo de pesquisa Os Problemas da Interpretação
laisflauta@gmail.com

Alfeu Rodrigues de Araújo Filho
UEM - Grupo de pesquisa Os Problemas da Interpretação
alfeu-araujo@uol.com.br

Flávio Apro
UEM - Grupo de pesquisa Os Problemas da Interpretação
flavioapro@hotmail.com

Resumo: Diante de dificuldades pessoais para alcançar autonomia, independência do professor, um estudo eficiente, adequado às necessidades e particularidades, viu-se necessária uma pesquisa que apresentasse uma metodologia de organização. A falta de referencial com essa temática na área musical levou à busca de uma possível adaptação do Guia do Conhecimento em Gerenciamento de Projetos – Guia PMBOK (PMI, 2013), referência mundial em planejamento, adotando a visão do estudo da obra musical como um projeto. Ele apresenta diversas etapas das quais se destacam: decomposição, sequenciamento e adequação. A primeira já foi investigada por um dos autores, produzindo a Estrutura Analítica de Projeto – EAP base, enquanto a segunda está em fase inicial, focando elaborar um Diagrama de Precedências. A terceira é caminho a ser trilhado: um sistema de avaliação para atender à metodologia. Sendo um trabalho em andamento, durante experiências de estudo individual, foram detectadas falhas, especialmente na difícil aplicação da proposta, porém notou-se também contribuições para o estudo e a performance como: enriquecimento interpretativo, soluções assertivas aos problemas técnicos e melhor compreensão da obra.

Palavras-chave: Performance. Metodologia de organização do estudo. Guia PMBOK (PMI, 2013).

To decompose, to sequence, to adapt: the music study as a project

Abstract: In front of personal difficulties to achieve autonomy, teacher independence, an efficient study, adequate to the needs and particularities, it was necessary a research that presented an organization methodology. The lack of reference with this theme in the musical area led to the search for a possible adaptation of the Guide to the Project Management Body of Knowledge - PMBOK Guide (PMI, 2013), a world reference in planning, adopting the vision of the study of musical work as a project. It presents several stages of which stand out: decomposition, sequencing and adequacy. The first has already been investigated by one of the authors, producing the base Work Breakdown Structure - WBS, while the second is in its early stages, focusing on drawing up a Precedence Diagram. The third is a way to go: an evaluation system to answer the methodology. As a work in progress, during individual study experiences, failures were detected, especially in the difficult application of the proposal, but also noted contributions to the study and performance like: interpretative enrichment, assertive solutions to technical problems and better understanding of musical work.

Keywords: Performance. Study organization methodology. PMBOK Guide (PMI, 2013).

INTRODUÇÃO

A grande busca de um intérprete é alcançar a melhor interpretação e execução possível das obras musicais. Para que isto ocorra é necessário perceber o significado da obra: “compre-

ensão como o entendimento do significado expressivo e estrutural do discurso musical, uma dimensão conceitual ampla que permeia e é revelada através do fazer musical" (FRANÇA, 2000, p. 52). Rink (2007) também ressalta que a consciência das funções contextuais e os contextos mais gerais determinarão como a execução será moldada, e que "os enfoques adquiridos através da análise – intuitiva ou deliberada – são fatores de influência na concepção musical do intérprete" (RINK, 2007, p. 25).

Segundo Carter (2003), há um melhor processamento de dados quando as informações estão estruturadas com começo, meio e fim, beneficiando o entendimento almejado. Em vista disto, mostra-se relevante o aperfeiçoamento de metodologias de organização de estudo de obras musicais, visando à preparação que contemple os aspectos envolvidos. Entretanto, são poucos os trabalhos nesse tema. Normalmente são abordados a rotina diária de estudos, ferramentas para resolução de problemas técnicos ou reflexões interpretativas. Essa carência de pesquisa refletiu em dificuldades pessoais que impulsionaram este trabalho, levando a uma ideia embasada em publicações não musicais.

Desta forma, partiu-se da comparação entre estudo, energia dedicada ao conhecimento, e projeto, "um esforço temporário empreendido para criar um produto, serviço ou resultado exclusivo" (PMI, 2013, p. 03). Neste contexto, a referida pesquisa é baseada na metodologia do Guia do Conhecimento em Gerenciamento de Projetos - Guia PMBOK (PMI, 2013), que "contém o padrão e guia globalmente reconhecidos para a profissão de gerenciamento de projetos" (PMI, 2013, p 01), utilizado por grandes empresas, como a Petrobrás.

GUIA PMBOK (PMI, 2013) – GUIA DO CONHECIMENTO EM GERENCIAMENTO DE PROJETOS

O Guia PMBOK (PMI, 2013) aponta que o gerenciamento visa à redução do esforço, tempo e recursos. Gil (2010) ressalta a importância de planejar e estruturar para se alcançar maior eficiência na realização de um projeto, pois afirma que toda atividade racional e sistemática exige planejamento. Outros autores, como Cavalcanti e Matveev (*apud* RODRIGUES, 2015), também destacam a estruturação para otimizar as ações, ficando subentendido seu valor na disposição sistemática dos materiais didáticos. O Guia PMBOK (PMI, 2013), apesar de referência mundial em gerenciamento de projetos, necessita ser adaptado para a área musical, finalidade da pesquisa aqui apresentada.

Dentre as características fundamentais da metodologia está a apresentação de orientações para a construção do seu próprio projeto, não de um passo a passo já pronto. Como afirma Sloboda (2008), não existe uma "fórmula ideal" para o estudo, o planejamento direciona--se para atender às carências e condições de cada um, enquanto o aprendiz deve assimilar o

princípio de segmentação para poder adequá-la. Consequentemente, "a pesquisa mais útil é aquela que oferece ao músico um recurso geral que ele pode usar, adaptando-o às suas próprias necessidades" (SLOBODA, 2008, p. 306). Isso se dá pela experimentação que deve ser realizada pelo próprio músico, descobrindo suas particularidades.

É importante que essa prática, no seu início, seja acompanhada por alguém experiente que dê um parecer e possa orientar para possíveis correções. Sloboda (2008) salienta o *feedback* como fator essencial para o aprendizado, recurso normalmente ofertado pelo professor, que se utilizará de comentários acerca do que pode ser melhorado e sobre os objetivos já alcan-

çados. Entretanto não são raros os músicos, especialmente que estão cursando a graduação, que criam uma dependência do mentor para definir o próximo passo a ser dado. Isto acaba por distorcer parte da função do docente: auxiliar o aluno a delimitar o trajeto. Como consequência, este discente pode levar anos para conseguir encontrar uma forma de estudar sem o apoio de um mestre após concluir o curso.

A intenção inicial da pesquisa era ofertar ao instrumentista um caminho a ser trabalhado, porém foi ampliada abarcando todo o processo de gerenciar o estudo, proporcionando um guia para elaborar seu próprio projeto e não um esquema pronto, provocando independência e estudo personalizado. Através do seu gerenciamento, o músico passa a ter autonomia nos seus estudos, concretizando um dos objetivos do presente trabalho.

ESTUDO DA OBRA MUSICAL COMO UM PROJETO: DECOMPOSIÇÃO E SEQUENCIAMENTO

A gestão é dividida pelo Guia PMBOK (PMI, 2013) em partes de um projeto das quais se destacam: a definição do escopo, o gerenciamento do tempo e a determinação da qualidade. Cada uma destas etapas possui processos e trata, respectivamente:

1. Descrição do processo e do produto, tendo o centro na identificação das atividades através da decomposição e escolha de ferramentas[1]. Na música seria “o que” e “como” precisa ser preparado para uma performance;

2. Ordenação, controle e análise da distribuição temporal das tarefas. Observar o tempo que se tem até o momento da performance e distribuir as tarefas de maneira que otimize o estudo;

3. Observação dos recursos, objetivos e nível técnico para delimitar as necessidades e particularidades. Neste contexto as reflexões estariam acerca de qual o público alvo, quanto tempo se tem disponível, músicos que participarão da produção artística, repertório, temática, tipo de evento etc.

As três etapas são de extrema complexidade e dificuldade para serem executadas sem uma pesquisa científica. Por conseguinte, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), de um dos autores, apresentou a denominada EAP (Estrutura Analítica de Projeto) base (Figura 1): um dos mecanismos de gerenciamento indicados no Guia PMBOK (PMI, 2013) para elaborar o escopo, a primeira etapa do projeto. Trata-se da decomposição da obra musical a partir de uma investigação bibliográfica focada em flautistas profissionais ou cursando graduação a partir do estudo sobre o processo musical de Kaplan (1998), a apostila de análise musical de Mattos (2006), e o trabalho de Sampaio Neto (2005) acerca da iniciação à flauta transversal. A divisão está em três níveis, do maior para o menor: componentes, elementos e subelementos.

[1] Estão sendo adotado aqui os conceitos: itens de estudo como aspectos da música que devem ser trabalhados; ferramentas são técnicas, exercícios e atividades para resolver problemas; e recursos, que estão mais ligados a materiais necessários para realizar uma tarefa, por exemplo: metrônomo.

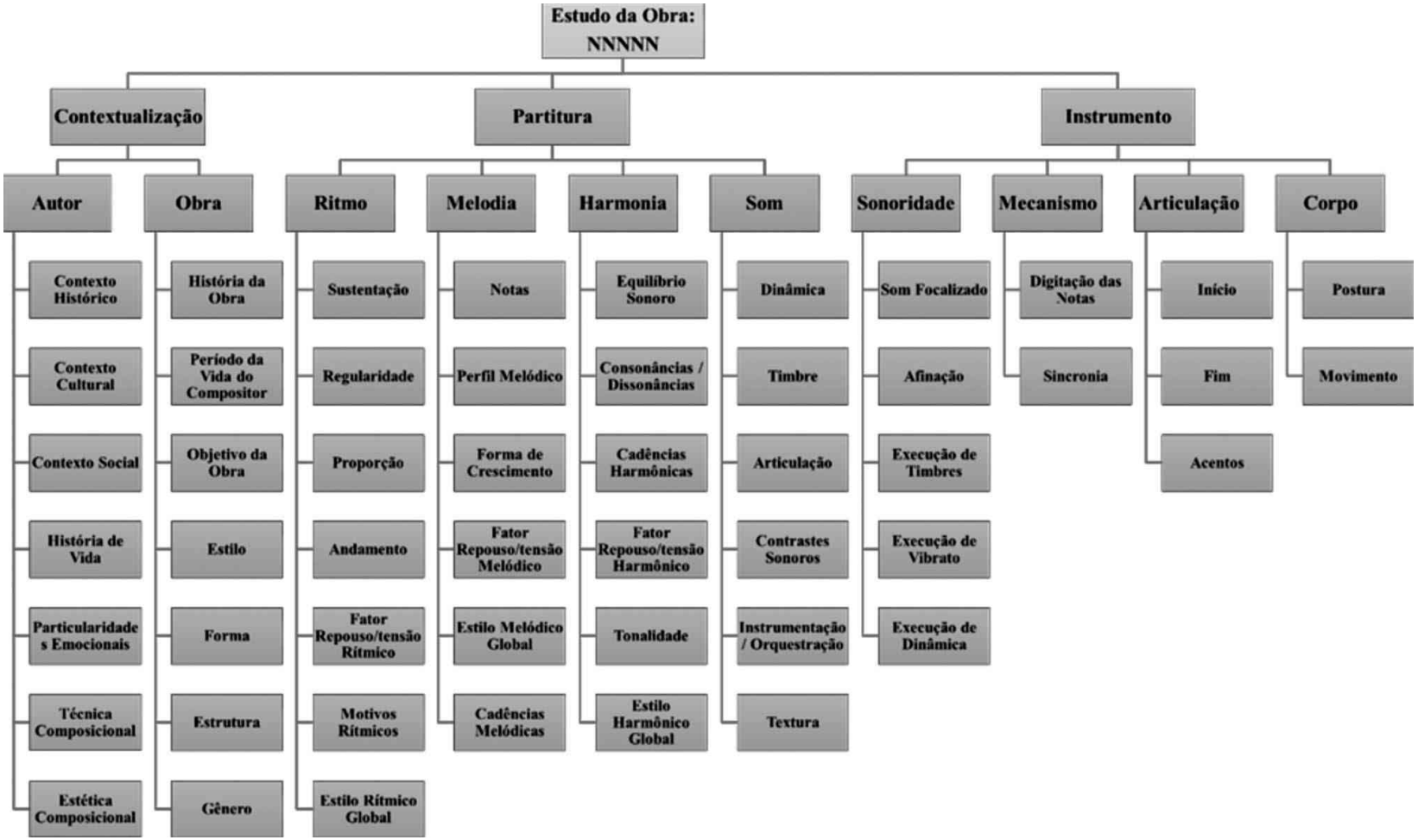

Figura 1. EAP - Organograma do estudo musical.

Kaplan (1998) afirma que a música é um processo realizado pelo autor, intérprete e ouvinte, mediados por códigos escrito e sonoro-musical, respectivamente. O compositor foi adotado como o componente "contextualização" no qual estão as características gerais do autor e obra. O segundo elo do processo é a partitura, incluindo: análise, leitura e complementação da notação (como acréscimo de articulações nas obras barrocas). O código sonoro-musical é feito através do instrumento: terceiro componente da EAP. O intérprete e o ouvinte são elos de grande subjetividade e complexidade, motivo pelo qual não foram tratados, porém na etapa de determinação da qualidade do projeto é possível observar a ação de ambos.

O material de Mattos (2006) contém diversos aspectos da música a serem analisados através das seguintes categorias: melodia, harmonia, ritmo e som, mantidos como elementos da componente partitura. Vale frisar que muitos dos subelementos também foram retirados deste referencial.

Sampaio Neto (2005) apresenta um material para o ensino de flauta transversal direcionado à iniciação de crianças dividido por características do instrumento como: maneira de segurá-lo, sonoridade, articulação e mecanismo. Esses elementos foram subdivididos seguindo outros autores e materiais específicos de flauta.

Na continuidade, é relevante conferir se o que foi encontrado faz sentido, onde "a verificação da precisão da decomposição requer a determinação de que os componentes do nível mais baixo da EAP sejam os necessários e suficientes para a conclusão das entregas do nível mais alto correspondentes." (PMI, 2013, p. 131).

Segundo o Guia PMBOK (PMI, 2013), a construção da EAP permite também uma visão sistêmica de todo o processo para que este seja melhor gerido. Sloboda (2008) apresenta uma analogia entre o funcionamento do cérebro e a Teoria Sistêmica de Produção que se assemelha à metodologia do Guia PMBOK (PMI, 2013). Entre os principais conceitos desta teoria está a quebra de um objetivo maior em vários menores, assim como sua hierarquização: "estratégia de quebrar a habilidade a ser aprendida em um conjunto de componentes que podem ser adquiridas passo a passo." (SLOBODA, 2008, p. 287). Segundo este autor, por intermédio da segmentação, o instrumentista tem uma quantidade pequena de dados para absorver a cada passo, facilitando a superação do estágio cognitivo. Em seu livro, Carter (2003) também evidencia que o cérebro humano processa a maior parte das informações decompondo-as, ou seja, transformando em partes menores e facilitando a assimilação. O pensamento, os sons e as imagens que captamos são segmentados e suas partes processadas separadamente para depois se unirem e formar um conceito ou uma música, por exemplo.

Após segmentar, a mente liga as informações ainda desconhecidas a outras já conhecidas, uma vez que o aprendizado tem que ser preferencialmente incorporado a procedimentos preexistentes (SLOBODA, 2008). Indo no mesmo caminho da cognição, o Guia PMBOK (PMI, 2013) orienta que todas as atividades, exceto a primeira e a última, devem ser conectadas a pelo menos uma predecessora e uma sucessora, representando um processo contínuo: "o principal benefício deste processo é definir a sequência lógica do trabalho a fim de obter o mais alto nível de eficiência em face de todas as restrições" (PMI, 2013, p. 153). Para Reason (*apud* SLOBODA, 2008), este empilhamento evita o que ele chama de "erros de distração", atribuídos ao esquecimento de atividades.

Para construir essa lógica é importante identificar os objetivos de cada tarefa. Este é um fator imprescindível para o aprendizado na visão de Sloboda (2008) chamada: motivação. Por exemplo, não é muito produtivo pesquisar sobre o estilo composicional do compositor se não se sabe como esse conhecimento será aplicado na interpretação e execução da obra. Ou seja,

o objetivo final depende de subobjetivos que o precedam, seguindo uma hierarquia de tarefas a serem cumpridas. Consequentemente, todas essas ações devem culminar em um resultado final: a performance musical.

Essa tarefa não é simples. A complexidade reside em perceber qual a funcionalidade das relações, permitindo que o estudo seja feito passo a passo, promovendo uma ordem que aumente a facilidade da compreensão e evite o excesso de atividades simultâneas que podem desestimular o músico. Com base na fala de Sloboda (2008), outro grande papel do professor está em orientar o aluno acerca desta funcionalidade. Como exemplo musical, podemos citar a afinação que tem como predecessoras: a leitura das notas, o som focalizado, a tonalidade, as cadências, dentre outros aspectos harmônicos. Vale salientar, como comentado no início do texto, que o estudante aprenda a fazer por si mesmo seus planejamentos, conquistando aos poucos sua independência.

Mantendo o objetivo de guiar o músico rumo sua autonomia na organização do estudo está em andamento uma nova pesquisa em continuidade ao TCC, buscando uma ordenação base dos itens pela observação das relações de predecessão e sucessão. Considerando que os componentes contextualização, partitura e instrumento são respectivamente abordados pela musicologia, especialmente histórica e estilística, análise musical, interpretação e performance, estão sendo adotados, como referência, trabalhos que abordam a influência mútua entre as áreas, procurando assim a conexão do todo com o resultado final.

Dentre esses autores, Sloboda (2008), Monson (*apud* COOK, 2006) e França (2000) defendem a importância de tais relações, com óticas distintas, na devida ordem: cognitiva, aspectos formais como parte da performance e aspectos formais e contextuais como guia para a interpretação. Almeida (2011) trata de contexto e performance argumentando que há uma contemporaneidade da obra que se funda na contemporaneidade do intérprete, do ouvinte e do contexto atual. Para a análise, visando à performance, Rink (2007) sugere o que chama de intuição informada: uma análise musical que une a deliberada, tradicional e bem estruturada com a intuitiva, aquela que o músico faz sem planejamento e normalmente apenas ouvindo, assim a interpretação é enriquecida.

Nessa investigação será proposta a elaboração de um Diagrama de Precedências e suas caracterizações com base nas ferramentas indicadas no Guia PMBOK (PMI, 2013),

conduzida de uma visão macro para micro, verificando em primeiro plano os itens de maior nível (componentes) e, posteriormente, os numerosos elementos e subelementos definidos na EAP base, adotando os autores citados anteriormente como principais referenciais teóricos.

A ferramenta citada é o Método do Diagrama de Precedência (MDP), apresentado no Guia PMBOK (PMI, 2013), elaborado para sistematizar o mapeamento dos relacionamentos lógicos. São quatro tipos:

- TI: término para início;
- TT: término para término;
- II: início para início;
- IT: início para término.

O TI exige que uma tarefa termine para que outra se inicie: finalizar a apresentação da obra para aplaudir. Já no TT, uma tarefa se concluirá somente quando a predecessora concluir: só é finalizado o treino da execução das dinâmicas após definir todas. No II, uma atividade só pode começar quando a anterior tiver começado: só posso iniciar o dedilhado depois de come-

çar a ler a partitura, mesmo que seja quase simultâneo. Por fim, no IT é essencial o princípio de uma para o desfecho da seguinte: para realizar a respiração coral espera-se um músico começar para o outro parar.

Conjuntamente ao MDP é necessário estabelecer as características das dependências. O Guia PMBOK (PMI, 2013) explicita atributos para tal: obrigatórias ou arbitrárias, internas ou externas, podendo ser obrigatória e interna, obrigatória e externa, arbitrária e interna, arbitrária e externa. Exemplos:

- Obrigatória: ler a partitura antes de tocá-la, mesmo que por frações de segundo, é obrigatória. Não há possibilidade de tocar uma obra escrita sem lê-la;
- Arbitrária: conhecer o contexto histórico para escolher articulações é arbitrária, já que pode ser feita uma interpretação não contextualizada, seguindo somente a notação.
- Interna: limita-se ao próprio projeto. Dentro do projeto de estudo a relação entre a leitura e o dedilhado é interna;
- Externa: executar uma obra de câmara possui a dependência externa em relação aos demais músicos envolvidos, não pertence ao projeto de estudo individual.

Além das relações de dependências existem outros fatores que influenciam na sequência. No TCC foi proposta, além da EAP base, uma tabela contendo tópicos a serem observados: avanço necessário, pré-requisitos, ferramentas, frequência, duração do estudo. O avanço necessário se trata da diferença entre o fim do estudo e seu início. Isso faz parte da determinação da qualidade, a terceira etapa do projeto. Na soma de todas as considerações, vale salientar o quanto é prioritário identificar o objetivo da produção artística: é para uma audição, um recital, uma prova ou um vídeo? Assim é possível estipular qual item é mais exigido. Em seguida, o músico faz uma autoavaliação ou procura a opinião de um professor, conscientizando sobre seu desempenho. Finalizando, será realizada a comparação para que os itens com maior diferença entre o exigido e o desempenho inicial sejam priorizados. É nesse processo que o músico poderá observar e adequar o estudo às suas necessidades, limitações e particularidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em experimentações pessoais, no processo do estudo instrumental, foram detectados empecilhos na etapa da avaliação. Destaca-se a subjetividade no exame, isto é, dificuldade em objetivar ou mensurar os resultados porque é qualitativa, apontando novos horizontes de investigação. Por esse motivo, parece útil que a próxima pesquisa apresente um sistema ou técnica mais eficaz para avaliação em relação aos objetivos do projeto e às capacidades e necessidades.

Outro fator que chama a atenção é a requerida revisão da EAP. Alguns de seus itens são complexos demais, precisam ser reformulados, ao mesmo tempo que aspectos como fraseado não estão inclusos. Durante as experimentações, deparou-se com problemas enfrentados na escolha das ferramentas: lembrar das técnicas e exercícios conhecidos e saber qual é mais eficiente para cada ponto, abrindo a possibilidade de catalogação de ferramentas extraídas inclusive de *masterclass*, não somente de materiais escritos. A construção de um cronograma, etapa final na preparação de um projeto segundo o Guia PMBOK (PMI, 2013), possui uma gama extensa de variáveis a serem observadas e anotadas como forma de organizar, necessitando uma condução mais clara e simplificada de como elaborá-lo.

Apesar de todas as adversidades nos testes realizados, foram notados também resultados positivos, como:

- Enriquecimento da performance cujos detalhes interpretativos passaram a receber atenção: contrastes sonoros e o conjunto de repouso/tensão melódico, rítmico e harmônico;
- Aspectos técnicos exigiram menos tempo e esforço porque o problema foi pontualmente resolvido. A dificuldade de digitação era advinda de dificuldades de leitura e, separadas, foram mais rapidamente solucionadas: escolha assertiva da ferramenta;
- Com a melhor observação dos obstáculos encontrados, ficou mais simples priorizar os exercícios de rotina para auxiliar na performance, assim como descobrir problemas frequentes ou "crônicos".
- A compreensão aumentou muito, especialmente na visão macro da música; diálogos e oposições entre movimentos; seções; repetições e variações de ideias; reflexão acerca de como um aspecto interfere no outro, assim como de que forma o contexto do compositor reflete na interpretação.

Sendo assim, os horizontes desta pesquisa se mostram vastos e repletos de possibilidades. Faltam correções, descobertas de aplicações em outras áreas da música, ampliações e aprofundamentos sobre performance e testes diversos (experimentação), configurando um trabalho em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. Z. (2011). Por uma visão de música como performance. *Opus*, 17-2, 63-76.

CARTER, R. (2003). *O livro de ouro da mente: o funcionamento e os mistérios do cérebro humano*. Tradução: Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Ediouro.

COOK, N. (2006). Entre o processo e o produto: música e/enquanto performance. Tradução: Fausto Borem. *Per Musi*, 14, 05-22.

FRANÇA, C. C. (2000). Performance instrumental e educação musical: a relação entre a compreensão musical e a técnica. *Per Musi*, 1, 52-62.

GIL, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (5. ed.). São Paulo: Atlas.

KAPLAN, J. A. (1998). A Objetividade Na Interpretação Musical: Um Mito. *EXPRESSÃO – Revista do Centro de Artes e Letras*, ano 2, 2-jun./dez., 129-133.

MATTOS, F. L. (2006). *Análise Musical I: Apostila*. Porto Alegre: UFRS.

Project Management Institute (PMI) (2013). *Um guia do conhecimento em gerenciamento de projetos (Guia PMBOK)* (5. ed.). Pennsylvania: PMI.

RINK, J. (2007). Análise e (ou?) performance. Tradução: não informado. *Cognition & Musical Arts 2*, 25-43.

RODRIGUES, J. M. B. (2015). *Audições Orquestrais para Flauta no Brasil: um estudo sobre estratégias de preparação*. (Unpublished doctoral dissertation). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

SAMPAIO NETO, A. (2005). *A Iniciação Infantil à Flauta Transversal a partir do pífaro:* repertório, aspectos técnicos e recursos didáticos - v. 1. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

SLOBODA, J. A. (2008). *A mente musical: psicologia cognitiva da música*. Tradução: Beatriz Ilari e Rodolfo Ilari. Londrina: EDUEL.